

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES

1ª SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

CRISTIANE PEREIRA FONTAINHA DE CARVALHO

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

O Texto Gerador I é o fragmento de uma entrevista da Revista Fórum com o antropólogo e professor da USP Kabengele Munanga. Ele fala sobre racismo, discriminação e o papel da mídia no combate ao preconceito no país.

NOSSO RACISMO É UM CRIME PERFEITO - ENTREVISTA COM KABENGELE MUNANGA

Publicado em 08/09/2010 - Por Camila Souza Ramos e Glauco Faria

Revista Forum - edição 89 - agosto 2010

Fórum - *O senhor veio do antigo Zaire que, apesar de ter alguns pontos de contato com a cultura brasileira e a cultura do Congo, é um país bem diferente. O senhor sentiu, quando veio pra cá, a questão racial? Como foi essa mudança para o senhor?*

Kabengele - *Essas coisas não são tão abertas como a gente pensa. Cheguei aqui em 1975, diretamente para a USP, para fazer doutorado. Não se depara com o preconceito à primeira vista, logo que sai do aeroporto. Essas coisas vêm pouco a pouco, quando se começa a descobrir que você entra em alguns lugares e percebe que é único, que te olham e já sabem que não é daqui, que não é como “nossos negros”, é diferente. Poderia dizer que esse estranhamento é por ser estrangeiro, mas essa comparação na verdade é feita em relação aos negros da terra, que não entram em alguns lugares ou não entram de cabeça erguida.*

Depois, com o tempo, na academia, fiz disciplinas em antropologia e alguns de meus professores eram especialistas na questão racial. Foi através da academia, da literatura, que comecei a descobrir que havia problemas no país. Uma das primeiras aulas que fiz foi em 1975, 1976, já era uma disciplina sobre a questão racial com meu orientador João Batista Borges Pereira. Depois, com o tempo, você vai entrar em algum lugar em que está sozinho e se pergunta: onde estão os outros? As pessoas olhavam mesmo, inclusive olhavam mais quando eu entrava com minha mulher e meus filhos. Porque é uma família inter-racial: a

mulher branca, o homem negro, um filho negro e um filho mestiço. Em todos os lugares em que a gente entrava, era motivo de curiosidade. O pessoal tentava ser discreto, mas nem sempre escondia. Entrávamos em lugares onde geralmente os negros não entram.

Tenho dois filhos que nasceram na Bélgica, dois no Congo e meu caçula é brasileiro. Quantas vezes, quando estavam sozinhos na rua, sem defesa, se depararam com a polícia? Meus filhos estudaram em escola particular, Colégio Equipe, onde estudavam filhos de alguns colegas professores. Eu não ia buscá-los na escola, e quando saíam para tomar ônibus e voltar para casa com alguns colegas que eram brancos, eles eram os únicos a ser revistados. No entanto, a condição social era a mesma e estudavam no mesmo colégio. Por que só eles podiam ser suspeitos e revistados pela polícia? Essa situação eu não posso contar quantas vezes vi acontecer. Lembro que meu filho mais velho, que hoje é ator, quando comprou o primeiro carro dele, não sei quantas vezes ele foi parado pela polícia. Sempre apontando a arma para ele para mostrar o documento. Ele foi instruído para não discutir e dizer que os documentos estão no porta-luvas, senão podem pensar que ele vai sacar uma arma. Na realidade, era suspeito de ser ladrão do próprio carro que ele comprou com o trabalho dele. Meus filhos até hoje não saem de casa para atravessar a rua sem documento. São adultos e criaram esse hábito, porque até você provar que não é ladrão... A geografia do seu corpo não indica isso.

*Então, essa coisa de pensar que a diferença é simplesmente social, é claro que o social acompanha, mas e a geografia do corpo? Isso aqui também vai junto com o social, não tem como separar as duas coisas. Fui com o tempo respondendo à questão, por meio da vivência, com o cotidiano e as coisas que aprendi na universidade, depoimentos de pessoas *apartheid*, diferente também do racismo praticado nos EUA, principalmente no Sul. Porque nosso racismo é, utilizando uma palavra bem conhecida, sutil. Ele é velado. Pelo fato de ser sutil e velado isso não quer dizer que faça menos vítimas do que aquele que é aberto. Faz vítimas de qualquer maneira.*

Fórum - *Quando você tem um sistema como o sul-africano ou um sistema de restrição de direitos como houve nos EUA, o inimigo está claro. No caso brasileiro é mais difícil combatê-lo...*

Kabengele - Claro, é mais difícil. Porque você não identifica seu opressor, né? Nos EUA era mais fácil porque começava pelas leis. A primeira reivindicação: o fim das leis racistas. Depois, se luta para implementar políticas públicas que busquem a promoção da igualdade racial. Aqui é mais difícil, porque não tinha lei nem pra discriminar, nem pra proteger. As leis pra proteger estão na nova Constituição que diz que o racismo é um crime inafiançável. Antes disso tinha a lei Afonso Arinos, de 1951. De acordo com essa lei, a prática do racismo não era um crime, era uma contravenção. A população negra e indígena viveu muito tempo sem leis nem para discriminar nem para proteger.

Fórum - Como o senhor vê o tratamento dado pela mídia à questão racial?

Kabengele - A imprensa faz parte da sociedade. Acho que esse discurso do mito da democracia racial é um discurso também que é absorvido por alguns membros da imprensa. Acho que há uma certa tendência na imprensa pelo fato de ser contra as políticas de ação afirmativa, sendo que também não são muito favoráveis a essa questão da obrigatoriedade do ensino da história do negro na escola. Houve, no mês passado, a II Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial. Silêncio completo da imprensa brasileira. Não houve matérias sobre isso. Os grandes jornais da imprensa escrita não pautaram isso. O silêncio faz parte do dispositivo do racismo brasileiro. Como disse Elie Wiesel, o carrasco mata sempre duas vezes. A segunda mata pelo silêncio. O silêncio é uma maneira de você matar a consciência de um povo. Porque se falar sobre isso abertamente, as pessoas vão buscar saber, se conscientizar, mas se ficar no silêncio a coisa morre por aí. Então acho que o silêncio da imprensa, no meu ponto de vista, passa por essa estratégia, é o não-dito.

(Fonte: <http://www.fpabramo.org.br/artigos-e-boletins/artigos/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito-entrevista-com-kabengele-munanga>)

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

A entrevista se caracteriza por ser um diálogo entre um entrevistador, que pergunta, e um entrevistado, que responde. Pelas respostas, o leitor conhece as opiniões, as ideias e alguns aspectos da vida pessoal ou profissional da pessoa entrevistada. Para organizar o texto, alguns recursos gráficos são utilizados para distinguirmos a fala do entrevistador da fala do entrevistado.

- a) Quem são os entrevistadores no Texto Gerador I?
- b) Quais foram os principais elementos gráficos empregados para diferenciar o locutor do interlocutor?

Habilidade trabalhada

Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

Resposta comentada

Nessa atividade, os alunos deverão perceber que, no Texto Gerador I, os entrevistadores são identificados pela expressão “*Por Camila Souza Ramos e Glauco Faria*”. Ao longo do texto, os principais elementos gráficos utilizados são a disposição do texto em perguntas e respostas; o realce das perguntas em negrito, que marca as falas do entrevistador com o título da revista, *Fórum*, e as do entrevistado com o seu primeiro nome, *Kabengele* e a própria pontuação.

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 2

As expressões modalizadoras revelam o grau do comprometimento do enunciador, o ponto de vista, o efeito psicológico que o conteúdo da oração expressa. Destaque, do fragmento abaixo retirado do Texto Gerador I, um verbo que sugira o ponto de vista do autor a respeito do fato abordado.

A imprensa faz parte da sociedade. Acho que esse discurso do mito da democracia racial é um discurso também que é absorvido por alguns membros da imprensa.

Habilidade trabalhada

Identificar e analisar a função modalizadora dos verbos.

Resposta comentada

Através dessa atividade os alunos deverão ser capazes de perceber que as expressões e verbos modalizadores podem revelar a opinião do autor do texto, isto é, que essas expressões ou palavras fornecem pistas do modo como o autor pretende expor sua maneira de ver os fatos e de conduzir a informação de acordo com os efeitos discursivos que quer produzir em seu texto. Os alunos deverão destacar o verbo “*acho*” no fragmento apresentado.

TEXTO GERADOR II

O Texto Gerador II trata de um assunto bem atual, as cotas raciais. A partir dele serão trabalhadas questões de Leitura e Uso da Língua.

Entrevista: Consciência Negra e Cotas raciais

Diacui Pataxo · Ilhéus, BA 21/11/2009

Entrevista da professora e acadêmica de Direito Maria de Lourdes da Silva sobre 20 de novembro, dia nacional da Consciência Negra.

Diacui Pataxó - Professora Maria de Lourdes, estamos lhe entrevistando porque seu trabalho contra racismo e preconceito é reconhecido pela comunidade e principalmente por aqueles que foram seus alunos ao longo dos seus 25 anos de Magistério.

Maria de Lourdes - é verdade, sempre combatemos preconceitos com projetos, eventos e oficinas nas escolas, envolvendo colegas, estudantes e comunidade.

DP - O que a motivou sempre a estar à frente nestas atividades?

MLS – como dizia a minha professora de metafísica, a poetisa Valdelice Pinheiro, a **INDIGNAÇÃO**, só podemos nos sentir vivos se ainda nos indignamos.

Sinto-me incomodada desde a adolescência, quando percebia muitas amigas de pele mais escura serem maltratadas, depois cresci vendo Klu-Klux-Klan, Apartheid, Nelson Mandela preso, li seu livro, assisti Steve Biko - um grito de Liberdade, Sarafina, Zumbi, li a história da escravidão no Brasil, olhei ao meu redor e vi racistas... Não pude me calar mais...

DP – O que a senhora pensa a respeito das cotas raciais?

MLS – Eu concordo plenamente com cotas raciais, acho que é o mínimo de indenização que o governo pode dar aos negros pelos trezentos e cinquenta anos de escravidão, com a bunda exposta na rua, amarrados no pelourinho, tomando chicotadas em público, herança maldita escrita no DNA de todos nós. Trezentos e cinquenta anos sem casa pra morar, sem chão seu pra lavar, sem poder aprender a ler, sem ser dono do próprio corpo, geração após geração de meninas e mulheres estupradas por senhores, abusadas sexualmente, vilipendiadas na alma e no que pode haver de mais digno e decente no ser humano, o amor-próprio, a auto-estima! Crianças obrigadas a trabalhar, vidas inteiras comendo restos de migalhas das mesas ou as vísceras rejeitadas dos animais...cotas raciais não são nada diante da história, da diáspora compulsória, da escravidão secular.

DP – Haveriam outras alternativas?

MLS – *Claro que sim! Na verdade, se nestes últimos cem anos a escola pública foi frequentada por negros e pobres, por que a cota-racial na Universidade pública é para negros? A cota racial deveria ser para os brancos. Eles estudaram fora da rede pública, nas melhores escolas particulares, nos melhores pré-vestibulares, por que são eles os donos das vagas nas escolas públicas e nós, os negros, o povo, os cotistas? Para sermos discriminados mais uma vez? Para sermos chamados de incompetentes? que não conseguimos passar no vestibular e por isso precisamos de cotas? Os brancos são minoria em nosso país. As cotas devem proteger minorias. As vagas são dos negros que obrigatoriamente alisam os bancos das escolas estaduais e municipais toda a sua vida, mas na hora H, da profissionalização de nível superior...!!!*

DP – *Bem professora, quais suas palavras finais sobre o dia 20 de novembro, dia Nacional da Consciência Negra?*

MLS – *Digo que sempre fomos ensinados a nos acharmos feios, fedidos, sujos, preguiçosos, desgrehados, nossa religião virou coisa do diabo - embora Netuno carregue um tridente impune do julgamento dos brancos - nossas vestes são espalhafatosas, nossa bunda é grande, nossos beijos" são grossos... Mas somos lindos em nossa negritude e mestiçagem, cheiramos a mato e natureza, sempre fomos os que limpamos.*

(Texto adaptado. Fonte: <http://www.overmundo.com.br/overblog/entrevista-consciencia-negra-e-cotas-raciais>)

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 3

Já vimos que certos elementos são empregados para diferenciar a fala do entrevistador e do entrevistado. O Texto Gerador II realiza essa distinção a partir dos mesmos recursos empregados no Texto gerador I? Explique a sua resposta.

Habilidade trabalhada

Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

Resposta comentada

Nesta atividade, os alunos deverão perceber que, diferentemente do Texto I, que marca as falas do entrevistador com o nome da revista, o Texto Gerador II marca as falas do entrevistador com seu próprio nome, e as do entrevistado com as iniciais de seu nome. É importante que os alunos percebam os diversos recursos para marcar o locutor e o interlocutor que um texto pode apresentar. Nessa atividade em particular, pretende-se que os alunos, ao compararem os dois textos, reconheçam a natureza dialógica da linguagem e as marcas textuais que podem fazer a distinção entre locutor e interlocutor.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

Observe o trecho a seguir:

“(...) sempre fomos ensinados a nos acharmos feios, fedidos, sujos, preguiçosos, desgrehados (...)”

Nele, podemos notar que o sujeito oculto da oração, “*nós*”, não pratica a ação expressa pelo verbo ensinar, sendo, desta forma, um exemplo de sujeito paciente. Reflita e aponte uma razão que justifique a preferência do entrevistado em construir a oração com o sujeito paciente, omitindo o agente.

Habilidade trabalhada

Reconhecer os efeitos de sentido gerados pela escolha do sujeito como agente ou paciente.

Resposta comentada

Após relembrar com os alunos os conceitos de vozes verbais, espera-se que os alunos percebam que, na voz passiva, quem sofre a ação recebe maior evidência, tornando-se o ponto de partida para a análise da frase. No trecho selecionado, espera-se que os alunos compreendam que o foco da frase é a valorização do processo de ensinar a que os negros foram submetidos e que não teve um agente específico ao longo da História. Assim, pretende-se que o aluno perceba que a ênfase da frase com o sujeito paciente e oculto “*nós*” está no fato de uma própria pessoa negra reconhecer o processo de inculcação de baixa autoestima a que os negros foram submetidos. Da mesma forma, como se trata de enfatizar um processo histórico, cultural e social, espera-se que os alunos reconheçam a proposital ocultação do sujeito da frase, que ficaria muito simplificado e reduzido em seu efeito de sentido se fosse traduzido somente por “*sociedade*” ou “*governantes*”.

TEXTO COMPLEMENTAR

Este Texto Complementar pertence ao gênero *reportagem*. Ele trata de temas como preconceito e discriminação racial.

Rapper Emicida fala sobre preconceito e prisão em Belo Horizonte

por Gabriel de Sá - Publicação: 29/05/2012 09:02

Nem o prestígio internacional, que o levou ao Festival de Coachella, em 2011; nem o reconhecido talento para improvisar rimas, que lhe rendeu vitórias nas principais batalhas de MCs no país, livraram o rapper Emicida de conviver diariamente com o preconceito. “Nos hotéis, por exemplo, quando vou tocar em algum lugar, os olhares dizem que sou objeto estranho se não tiver carregando mala ou limpando chão”, desabafou, em entrevista exclusiva ao Correio Braziliense. “Estou falando de racismo mesmo, por eu ser negro, não de preconceito social simplesmente.”

Vindo da periferia de São Paulo, Emicida chegou longe para os padrões dos artistas de sua linhagem. Passou pela tevê, como apresentador de programas sobre rap na MTV e na

Cultura, e ganhou vários prêmios por suas canções faladas, sempre repletas de crítica social. Independente, dono de seu nariz, ele prepara o primeiro álbum nos moldes tradicionais, cercado de expectativas — dele, inclusive. “Ainda não lancei um trabalho que eu olhe e fale: ó, é isso mesmo, fechou a tampa!”, revela. A língua mordaz lhe rendeu uma prisão em Belo Horizonte, no último dia 13. Explorado à exaustão pela mídia, o episódio teve saldo positivo ao reverberar temas importantes na sociedade, como liberdade de expressão e abuso de autoridade.

No show daquele domingo, em Minas, ele cantou Dedo na ferida, que aborda a ação violenta da polícia militar durante a desapropriação de famílias em locais visados pela especulação imobiliária. Os fardados presentes supuseram que ele estaria incitando a ira do público e o detiveram por “desacato a autoridade”.

“A canção fala sobre a apreensão das famílias nesses momentos, mas essa questão não repercutiu”, lamenta. “Os policiais agredem as pessoas pobres, e esse não é o trabalho deles. Os poderosos valorizam prédios, condomínios, mas não valorizam as pessoas que vão ocupá-los”. Contudo, a prisão, para ele, não teve a ver com o preconceito, e sim com uma ditadura velada que ronda a arte. “Eu me referi à polícia, sim, mas de uma maneira geral, e não vou retirar nada do que disse.”

(Fonte: http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/05/29/interna_gerais,296989/em-entrevista-rapper-emicida-fala-sobre-preconceito-e-prisao-em-belo-horizonte.shtml)

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 5

Nas falas registradas na reportagem, podemos perceber a presença de marcas próprias da oralidade. Observe o trecho a seguir e identifique esses elementos.

“Ainda não lancei um trabalho que eu olhe e fale: ó, é isso mesmo, fechou a tampa!”

Habilidade trabalhada

Reconhecer a distinção entre escrita e oralidade.

Resposta comentada

Nessa atividade, os alunos deverão ser capazes de reconhecer e compreender as diferenças entre fala e escrita presentes na reportagem. Os alunos devem perceber que o autor optou por manter certas marcas da oralidade na retextualização das falas do entrevistado, conferindo mais naturalidade e veracidade ao relato. No trecho destacado, espera-se que o aluno perceba o emprego da expressão “ó”, corruptela de “olha” e da forma coloquial “fechou a tampa” como indicadores de informalidade.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 6

O Texto Gerador I trata do problema do preconceito e da discriminação racial no Brasil. Esse é um problema de suma importância para a democratização do país, e atinge muitas pessoas de diferentes classes sociais. Tomando como base o que discutimos a partir desse texto, dividam-se em grupos de quatro pessoas e elaborem um roteiro de entrevistas acerca dessa temática em nossa cidade. Os grupos deverão elaborar roteiros para pessoas que sofreram algum tipo de preconceito e/ou discriminação e que queiram contar sua história; para o secretário de educação do município, no sentido de saber se a Lei que obriga os estabelecimentos de ensino a instituírem conteúdos relativos à História e Cultura Afro-Brasileira está sendo cumprida; para professores que possuam práticas concretas voltadas para a questão racial.

Sigam as seguintes instruções:

- O trabalho de construir um roteiro nos ajuda a pensar no entrevistado;

- Pesquise e envolva-se com o tema a fim de aproveitar melhor as informações presentes na fala do entrevistado(a);
- Ofereça argumentos que possam enriquecer a conversa se tiver interagido a respeito do tema;
- Seguir uma sequência cronológica ajuda o entrevistado a lembrar-se das fases de sua vida;
- Deve-se evitar as perguntas amplas e indutivas;
- O roteiro é um ponto de partida que deve ser flexibilizado ao longo da entrevista.
- Elabore um roteiro com cerca de 10 questões.

Habilidade trabalhada

Produzir roteiro para uma entrevista editando-a depois para publicação em jornal mural ou blog.

Resposta comentada

Nessa atividade, os alunos deverão ser capazes de produzir e editar um roteiro para uma entrevista a partir das instruções dadas. Primeiramente, os alunos deverão trazer sua proposta de roteiro para o professor, que deverá analisá-la, indicando as possíveis correções e ajustes. Após essa primeira etapa, os alunos deverão editar a entrevista e apresentá-la para a turma. Em seguida, as entrevistas deverão ser expostas no mural da escola.